

8. Género

DE AMÉLIA PARA AMÉLIA: PRESCRIÇÕES DE FEMINILIDADES NAS CORRESPONDÊNCIAS ENVIADAS DA BARONESA AMÉLIA PARA SUA FILHA AMÉLIA ENTRE OS ANOS DE 1885 E 1917 EM PELOTAS

Medeiros, Talita

tgmhistoria@gmail.com

Programa de Pós Graduação em História

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumen

Outrora, as relações entre mãe e filha assumiam um viés comportamental distante das relações atuais. Lançar olhares para a cidade de Pelotas do final século XIX e início do século XX através das cartas enviadas da Baronesa Amélia para sua filha Amélia, é analisar como as relações entre mãe e filha configuravam-se em suas relações de poder, de construção e de representações de feminilidades. Desta forma, o presente trabalho, possui como iniciativa dialogar sobre quais eram os discursos de feminilidades transmitidos da Baronesa Amélia para sua filha. Essa discussão se propõe a analisar três esferas principais como corpo, gênero e representação que delimitada pela fonte, os anos de 1885 a 1917, contemplará discussões como: quais as transformações socioculturais que o Brasil vivenciava no século XIX para o XX que influenciaram nas construções dessas feminilidades? Quais as representações de feminilidades para uma elite tidas como recorrentes na sociedade da época? Ciente que a fonte nos trará apenas fragmentos de um social vivenciado pelas protagonistas, elencamos como proposta de análise teórico os estudos de Judith Butler através do livro Problemas de Gênero de 2003 e a análise metodológica destina-se a trabalhar a partir dos enunciados de Michel Foucault em seu livro Arqueologia do Saber de 2009. A partir do exposto, concluímos que a partir das cartas é possível acessar a fragmentos e vestígios de um social que com intensas mudanças transformou espaços, relações, a economia, a política, dentre tantas outras. Pesquisar os fragmentos deixados por essas cartas é compreender que as relações de poder e as subjetividades, permanentes nessas relações, configuram-se como atos históricos, sociais e culturais imanentes de cada época.

Palabras clave: cartas, Pelotas, feminilidades

Introducción

Com o crescimento econômico e populacional, em 07 de julho de 1812 foi fundada a Freguesia de São Francisco de Paula, por iniciativa do padre Pedro Pereira de Mesquita. Anos mais tarde, em 07 de abril de 1832 foi elevada à categoria de Vila. Três anos depois o Presidente da Província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga, outorgou à Vila em cidade, com o nome de Pelotas. A grande expansão das charqueadas fez com que a cidade fosse considerada a verdadeira capital econômica da província. Esse grande avanço fez com que a indústria do charque prosperasse cada vez mais, atingindo seu auge entre os anos 1860 e 1890. Os charqueadores, devido ao êxito de sua economia, construíram no meio urbano, casarões que abrigaram suas famílias e também investiram no espaço urbano promovendo a modernização de Pelotas. Esse investimento contou com praças, chafarizes vindos do exterior, teatros e um banco, o banco de Londres que abriu uma filial na cidade.

Com o deslocamento do banco para Pelotas, é que inicia a história da família Antunes Maciel, em 1864. Ela começou com a compra do terreno para a construção da casa dos Antunes Maciel, devido à festividade do casamento de Aníbal Antunes Maciel, futuro Barão dos Três Serros, com Amélia Hartley de Brito, filha de um dos sócios do banco. O casal teve 14 filhos, dos quais seis morreram muito jovens. Após a morte do Barão, a

maior permanência da Baronesa Amélia passou a ser o Rio de Janeiro. Em 1884, Amélia, filha mais velha da Baronesa, casou com seu primo Lourival Antunes Maciel, e continuou habitando a casa da família em Pelotas.

Com a distância, mãe e filha passam a comunicarem-se por cartas. Em um total de 150 cartas, enviadas da Baronesa para sua filha Amélia, as inúmeras passagens demonstram os ensinamentos a serem incorporados por Amélia, tais como: cuidados com o seu marido, filhas e filhos. As indicações nas leituras das cartas recomendam cuidados, bons modos, posturas e hábitos a serem adotadas em ações privadas e públicas, demonstrando as normas de conduta para a formação de uma mulher, dona de casa, boa esposa e mãe zelosa.

Objetivos

Deste modo, a pesquisa que ora encontra-se em andamento, objetiva dialogar sobre quais eram os discursos de feminilidades prescritos da Baronesa Amélia para sua filha. Essa discussão se propõe a analisar três esferas principais de estudo, corpo, gênero e representação, que delimitada pela fonte, os anos de 1885 a 1917, contemplará discussões como: quais as transformações socioculturais que o Brasil vivenciava no século XIX para o XX que influenciaram nas construções dessas feminilidades? Quais as representações de feminilidades para uma elite tidas como recorrentes na

sociedade da época? Além disso, essa fonte nos disponibilizam resquícios de um passado que nos permitem compreender como ocorreu a educação de Amélia em como ser mãe e esposa.

Materiales y Métodos

Cientes de que a fonte, cartas, nos trará apenas fragmentos de um social vivenciado pelas protagonistas, elencamos como proposta de análise teórica os estudos de Judith Butler através do livro Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade de 2003, a qual compreende sexo e gênero como elementos não dissociáveis, portanto essas duas categorias são unidas, uma vez que formadas pela linguagem alcançam o poder de representação. A análise metodológica destina-se a trabalhar a partir dos enunciados descritos como: históricos, contínuos e constantes e as suas regras de formação são calcadas em discursos históricos e culturais próprios de seu tempo, de Michel Foucault em seu livro Arqueologia do Saber de 2009.

Resultados y Discusión

A escrita de cartas denota uma prática cultural própria de seu tempo. Pensar nessas trocas de missivas como um espaço de suprir distâncias, acentuar afetos e reforçar vínculos familiares nos permite refletir como as relações de intimidade, as relações de gênero e as construções de feminilidades se

estabeleciam em determinado cotidiano. Outrora, as relações entre mãe e filha assumiam um viés comportamental distante das relações atuais. Lançar olhares para uma Pelotas no século XIX e XX através das cartas enviadas da Baronesa Amélia para sua filha Amélia, é analisar como as relações entre mãe e filha, configuravam-se em suas relações de poder, de construção e de representações de feminilidades.

Para, além disso, analisar essas cartas é possuir acesso a fragmentos e vestígios de um social em intensas mudanças que transformou espaços, relações, economia, política, dentre tantas outras. Desta forma, lançar olhares para uma Pelotas no século XIX e XX através das cartas enviadas da Baronesa para sua filha Amélia é compreender de que forma as relações sociais, legitimadas por uma elite sociocultural hegemônica pelotense, agiram nas construções sociais e culturais.

É também acessar fragmentos de teias de sensibilidades como referenciado por Cunha (2009). As correspondências, ao formar “laços de papel”, (CUNHA, 2009, p. 159), expõem, revelam e compartilham situações cotidianas, imposições, carinho, cuidados, instrução e amizade, tais como nesse exemplo:

peço-te pois porem, que não te encomodes tento comigo, pois acima de tudo, para mim está sua saúde. Bastante me tem affligido o saber que tens soffrido

do fígado, e em nome da nossa amizade te peço, que não descuides da tua saúde, pois vêr-te doente, é um martírio para mim. (Carta do dia 24 de novembro de 1899)¹

Podemos verificar a preocupação da Baronesa quanto a saúde de Amélia. É recorrente nas cartas analisadas o cuidado da Baronesa com sua filha. As inúmeras passagens revelam a insistência com que a Baronesa requer a sua filha que cuide e preserve sua saúde.

Conforme Philippe Ariès (2011) é em meados do final do século XVIII e início do século XIX que o cuidado e a valorização da infância se acentuam. Do mesmo modo, neste período, houve o surgimento e o reconhecimento da figura da mãe, aquela que possui o “dom natural” de criar, educar, instruir, orientar e amar seus filhos/as. A dedicação, o zelo e o controle eram contínuas e atingiam também a vida adulta deles/as. Segundo o autor, o papel de mãe e seus cuidados assumem uma importância ímpar ao longo de toda existência de seus descendentes.

Para além de seus “dons naturais”, ainda cabia as mães, principalmente com as filhas, demonstrar “[...] o que deve ser uma mulher, qual seu papel no mundo, o significado do trabalho, do amor, da paixão, dos filhos, das regras de educação, a moralidade e os costumes,

¹Todos os trechos extraídos das cartas serão sinalizados através da escrita em itálico e serão transcritos tal/qual a escrita do período, sem qualquer uso de correção do português.

as prioridades das várias esferas [...]” (MINDLIN, 2000, p. 194). Cabia à mãe instruí-las para cumprir seus papéis sociais “naturais”,

formá-las em seus papéis futuros de mulher, dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, e sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas (PERROT, 2013, p. 93).

Assim sendo, a figura materna nas relações sociais, econômicas e culturais passam a ser fundamentais. É com a mãe e a partir da mãe, que a constituição de família, principalmente de elite, assume um viés de comportamento. Comportamento esse que deveria ser exemplar. A atenção dedicada especialmente às filhas deveria ser acentuada, a fim de transmitir a elas, as honras e as obrigações de uma boa mãe.

Ficou entretanto, muito bonito o casaco e saborosos são os doces: como te agradecer, minha querida filha, o trabalho que tens comigo? Deus t’o recompensará com certeza, fazendo com que as tuas filhas façam por ti, no futuro, o que ora fazes por mim (Carta do dia 9 de setembro de 1909).

Ou seja, como podemos verificar no exemplo acima, o modelo a ser seguido pelas filhas de Amélia é de uma mulher gentil, cuidadosa, honrada e prestativa. A relação de gênero discutida por este viés revela a importância de bons modos, educação e respeito adquirido

pelas mulheres no século XIX e XX. Cabe a mãe ser o exemplo dessa educação e resignação: “ensinar meninas, [...], através de histórias exemplares” (PEDRO, 1994 p.71).

Segundo Pratz (1999, p. 29), “a capacidade para expressar de uma forma simbólica e emocional e afetiva uma relação entre valores e idéias” é fundamental para que possamos diagnosticar e entender universos simbólicos femininos, reforçados por uma educação dos corpos que possibilitou representações nas formas de ser mulher. Conforme Betty Mindlin (2000, p. 204), a “influencia das mães sobre as filhas, como pessoas, personalidades, ou como palco de formação, como um amparo educacional, ainda passa pelo viés do exemplo, que se torna uma ‘construção sujeita ao tempo’ [...]”, em que culmina no envio de cartas e na prescrição de feminilidades aquilo que elas pensam de si e desejam transmitir para as novas gerações.

Cabe o destaque, que além de ser a carta uma produção da elite, a escrita vai ser uma produção de gênero. A escrita feminina é direcionada a ser uma escrita doméstica, privada e possui objetivos claros: ensinar suas filhas a ler e escrever. São as matriarcas que iniciam as filhas nas práticas de escrita epistolar, “la culture épistolair e familiale est

essentiellement une affaire de femmes” (LAHIRE, 1997, p.149).²

Agóra já tens a Zilda para escrever por ti, por tanto, sempre que não puderes escrever, (pois sei perfeitamente, que mt^as. vezes o fazes com sacrifício, o que não desejo) manda ella que o faça, dando-me noticias sómente do passar de vocês (Carta do dia 30 de julho de 1909)

A partir deste destaque, conforme Michelle Perrot (2013), a escrita de cartas é uma atividade doméstica. Ela afirma que a correspondência deveria ser um prazer e até mesmo um dever das mulheres. Conforme a autora são as mulheres as guardiãs das missivas e “é graças a elas que se ouve o ‘eu’, a voz das mulheres. Voz em tom menor, mas de mulheres cultas, ou que pelo menos tem acesso à escrita [...]” (PERROT, 2013, p. 30). É dever delas, enviar cartas aos parentes próximos buscando por informações sobre saúde, nascimento ou morte e a elas cabem enviar cartas a um filho distante ou a uma filha casada, assim conforme diagnosticado nas cartas da Baronesa para sua filha.

Dessa forma, atentando para a noção de que na presente escrita estamos falando de mulheres da elite no século XIX e XX, devemos compreender que elas possuíam uma cultura e por força dessa cultura uma representação própria de seu tempo, as quais deviam corresponder.

² Tradução livre: A cultura epistolar e familiar é essencialmente uma atividade feminina

Deste modo, devemos compreender cultura, através dos ensinamentos de Arjun Appadurai, que a compreende como: “um sistema de significados localizado e delimitado” (APPADURAI, 2008, pág. 29). Assim, a cultura é como algo próprio de seu tempo, localizado e determinado por um grupo social e que culturalmente e socialmente satisfaziam as necessidades de representação de um período vigente.

Seguindo as mesmas regras de decoro da cultura, o amor materno, conforme Elisabeth Badinter (1985, p.1) “não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tal como o vemos hoje, é produto da evolução social desde princípios do século XIX [...]”, desta maneira, a consubstancialização do amor materno, atinge também em consonância com esta, uma outra esfera da vida feminina: a figura de uma boa esposa. Cabe a mulher o ideal de cuidar, zelar, honrar e assentir aos desejos do marido.

Vão também uns caramêlos, (o cartucho vai abérto, porque já o tinha, e na ocasião de arrumar a caixa, lembrei-me de mandar mesmo assim a Lourival, que está sempre com pigarro. Não lhes dê no cartucho, despeje em uma bomboniêre, e leva-lhes (Carta: 13 de setembro de 1909)

Neste trecho destacamos a importância do cuidado que Amélia deveria possuir ao levar os doces para

Lourival. A representação a qual compreendemos nessa escrita, o qual será influenciado pelos escritos de Sandra Pesavento (2003). Para ela, representações são advindas de forças simbólicas que permitem a cada “grupo impor sua maneira de ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais” (PESAVENTO, 2003, pág. 22). O que permite, a partir dessa instância, compreender o surgimento de crenças, mitos, ideologias, valores e outros signos que possam orientar a vida dos sujeitos em seu espaço.

Desta forma, a afirmação de Joana Pedro (1994), que havia prescrições e formas de “ser ‘distinto’ e ‘civilizado’, que incluíam modelos idealizados para as mulheres, segundo os quais deveriam restringir-se aos papéis familiares”, (PEDRO, 1994, p. 31). A partir disto, fórmulas são elaboradas com o objetivo de formar esses “procedimentos” do cotidiano (CERTEUA, 2002, p.109).

Segundo Michel de Certeau (2002), procedimentos, meios, formas, foram criados para estipular a forma de agir, de viver, a partir dessa divisão e, portanto, na sua sociabilização. Procedimentos para o autor foram todos os ritos e meios que permitiram a criação daquilo entendido como um cotidiano, como formas de explorar e marcar aquilo que era tido e deveria ser feito. Partindo

desse entendimento, podemos dizer que a invenção de um cotidiano e de atividades a serem desempenhadas por homens e mulheres, através de suas atividades no âmbito privado ou público, contribui significativamente para o reforço nas divisões binárias de gênero.

Em vista disso, a mulher reflete a sua casa, seu marido e sua honra. Ser boa mãe, agradável esposa, e excelente dona de casa, exigia também sua discrição, decoro e delicadeza. Quanto a isso, a necessidade de questionamentos sobre o artefato histórico, cartas, ganha eloquência quando lembramos que ler e escrever cartas, não era algo igualmente distribuído em todas as camadas da sociedade do século XIX. Certamente, a sociedade burguesa do século XIX impôs modos de expressão de acordo com as suas regras estritas de decoro.

Não deixes ninguém mais ler esta, pois estas cousas são só para ti, porque assim me parece que estou conversando contigo (Carta do dia 14 de julho de 1909)

Corre por aqui (isto em reserva) que o Julinho é pretende de Othilia? Deus queira que assim seja, isto é, que a cousa vá adiante, pois é um casamento bem igual. Ambos são bem distintos (Carta do dia 13 de setembro de 1909)

Não deixes outros lerem esta, pois estes assumptos, são só para nós. (Carta do dia 4 de janeiro de 1910)

Nos trechos acima, podemos com recorrência perceber os pedidos de

cuidados com as leituras das cartas e os segredos que apenas deveriam ser partilhados entre elas. Cabia as mulheres a obrigação da descrição. Deste modo, compreendemos que seu discurso é distinguido pelo equilíbrio entre o desejo e a reserva. A eloquência da comunhão familiar parece cumprir essa função ao deixar de fora alguns gritos e sussurros. (DAUPHIN, 2002).

Todas as representações de uma mulher, ser delicada, doce, gentil, assim como ser boa mãe, esposa atenta e dedicada e excelente dona do lar, eram tidas como naturais e, portanto, longe de qualquer questionamento nessa época em questão. Discutir essas relações, observando a escrita das/nas cartas, permite analisar os espaços construídos e entendidos como de mulher.

Segundo Carvalho, a importância de dialogar sobre essas formas cristalizadas de postura que cada ambiente social legítima, é necessária para atentarmos que as formas assumidas por homens e mulheres em diversos espaços e categorias são ativadas a partir das relações de gênero que nelas estão expostas. É por meio das ações corporais que se produz e reproduz incessantemente uma forma de viver e de perceber o mundo que é impregnada por determinantes sexuais. Portanto é válido observar que as ações sexuadas não ocorrem fora do campo social, pelo contrário elas se dão num sistema que retroalimenta os valores e sentidos

cristalizados na forma de postura de ser e de estar em casa e/ou no mundo. A partir disso, atentar

[...]o quão profunda é a interação entre os gêneros na produção do espaço doméstico. Essa percepção nos ajuda a não pensarmos a produção do masculino e do feminino de forma dissociativa, autônoma. Pelo contrário, os gêneros se constituem sempre em um contexto relacional, seja ele de oposição, submissão, equivalência ou complementação. (CARVALHO, p.276).

Nesse sentido, o entendimento da autora vai ao encontro dos pensamentos de Joana Maria Pedro, 2011, que ao dialogar gênero com Joan Scott, 1990, Pedro, nos afirma que a História vai além de fazer uma narrativa sobre gênero, ela problematiza essas questões e, que, portanto, “falar de gênero significava deixar de focalizar na “mulher” ou nas “mulheres”; tratava-se de relações entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre homens. Nessas relações, o gênero se constituiria” (PEDRO, 2011, p. 273).

É nessa perspectiva que o presente artigo se constitui: refletir como a linguagem que é “um campo político importante, porque ela traz um entrelaçamento de poderes porque há uma multiplicidade de linguagens que produzem constantemente um efeito de realidade social” (WITTIG, 2006, p. 47). Denise Portinari (1989) nos ensina que isso foi possível através de discursos e, portanto, da linguagem, que servem de instrumentos para designar, nomear,

determinar que aquela pessoa “é” alguma coisa e, assim, inscreve-a nessa nomenclatura, o que conseqüentemente acaba por se tornar um discurso, o discurso criado para definir.

Segundo Foucault (2013) “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2013, p. 10). E esse poder, segundo o autor, ao adquirir força dada a sua repetição, acaba por constituir aquilo que ele chama de vontades de verdade. Segundo Foucault, (2013) uma vez designado o discurso como verdade, institui-se algo, marca-se como verdadeiro, inquestionável. É a partir dessas análises que podemos compreender o discurso sobre mulheres e suas correspondência(s) de feminilidade(s).

Para Foucault (2013), o poder não está instituído em apenas um local, ele é relacional e está presente nos indivíduos que assim seguem as “regras”. Regras essas impostas nas formas de vestir, falar, comer, portar-se. Para o autor, o poder é “como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte, os apoios que tais correlações de forças encontram uma nas outras [...]”. (FOUCAULT, 2013, p. 100-101). Ou seja, são as forças sociais,

culturais e econômicas que construirão esse corpo, que demarcarão nele as formas de agir. É nesse espaço composto por vários sujeitos e ações que define-se o que é ser mulher.

Deste modo, compreendemos que mais que construir “laços de papel”, as missivas permitem e “partilham da constituição de um regime de sensibilidades, ou seja, da construção da história dos indivíduos que se inventam pela escrita no âmbito da intimidade/da escrita de si e da escrita para os outros” (CUNHA, 2009, p. 156). Ainda, conforme Sandra Pesavento (2006, In CUNHA, 2009, p. 157), as cartas “representam a si mesmo e ao mundo”:

[...] materializadas em papel e tinta, estes documentos eternizam em folhas amareladas pela passagem do tempo, idéias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações de um outro tempo, produzindo sentidos e construindo significados à ordem do existente (CUNHA, 2009, p. 156)

Portanto, fruto de seu tempo, as cartas articulam práticas culturais próprias, que analisadas sob os critérios próprios da pesquisa histórica, destacam processos de interação e de poder. Desta forma, cabe ao historiador problematizar os limites internos, externos, de guarda e de conservação das cartas. Propondo que, além da análise crítica do qual é habilitado, é “tarefa do historiador [...] reconstruir as variações que diferenciam os espaços legíveis – isto é, os textos nas

suas formas discursivas e matérias – ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação” (CHARTIER, 1994, p.12).

Conclusiones

A partir de todo o exposto, analisar essas cartas é possuir acesso a fragmentos e vestígios de um social em intensas mudanças que transformou espaços, relações, a economia, a política, dentre tantas outras. Pesquisar os fragmentos deixados por essas cartas é compreender como as relações de poder e as subjetividades, permanentes nessas relações, configuram-se como atos históricos, sociais e culturais imanes de cada época. Estes vestígios do passado, trazidos por essa fonte, nos revelam ligações sociais, familiares e de educação que aconteceram no seu período de escrita.

Deste modo, pensar nessas trocas de missivas como um espaço de suprir distâncias, acentuar afetos e reforçar vínculos familiares, elas nos permitem refletir como as relações de intimidade, as relações de gênero e as construções de feminilidades e de um cotidiano se estabeleciam.

Por este viés, refletir sobre a afirmação de Simone de Beauvoir (1980) “não se nasce mulher, torna-se”, do mesmo modo, compreender que as identidades são (im)postas pela repetição, que garante a eficácia dos atos

performativos que reforçam as identidades daquilo que se entende como feminino conforme Judith Butler (2003), podemos interpretar partir da análise e das reflexões que as cartas enviadas da Baronesa para sua filha, que as representações de feminilidades prescritas nelas enquanto enunciados e como forma de prescrições de feminilidades, calcadas na sua representação enquanto mulher da sociedade pelotense do século XIX e XX, compôs e moldou o corpo, as ações e as atitudes de sua filha Amélia.

Bibliografía

APPADURAI, Arjun. A Vida Social das Coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Ed. UFF, 2008, pp. 89-121.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família./ Philippe Ariès; tradução de Dora Flaksman. 2 ed. [Reimpr.] Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985

BEAVOUIR, Simone de. O Segundo Sexo. São Paulo: Difusão Europeia de Livros, 1967.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870- 1920. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2008.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa

entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da UnB, 1994.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Teias de sensibilidades: cartas e diários pessoais nas tessituras do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX) In: MORGA, Antonio Emilio; BARRETO, Cristiane Manique (orgs). Gênero, sociabilidade e afetividade /– Itajaí: Casa Aberta Editora, 2009.

DAUPHIN, Cécile, Les correspondances comme objet historique: Um travail sur les limites, Sociétés & Représentations, n° 13, p. 43-50, 2002

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 23 ed.- São Paulo: Edições Loyola, 2013.

LAHIRE, Bernard. “Masculin-féminin. L’écriture domestique”. In: FABRE, Daniel. Par écrit. Ethnologie des écritures cotidiennes. Paris: Maison des sciences de l’homme, 1997.

MINDLIN, Betty. A panela feminina e feminista (cartas de mães e filhas) In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe – Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

_____. Joana Maria. Relações de Gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. Topoi, v. 12, n.22, jan-jun. 2011, p. 270 -283.

PERROT, Michele, Minha História das Mulheres. – 2º Ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatay. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica,

PORTINARI, Denise. O discurso da homossexualidade feminina. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

PRATS, Liorence. Antropología e
patrimônio. Editorial Ariel, S.A., Barcelona,
1997.

WITTIG, Monique. El pensamiento
heterosexual y otros ensayos. Barcelona:
Egales, 2006

Financiamiento (Si hubiere)

Bolsista CAPES



Asociación de Universidades
GRUPO MONTEVIDEO



UNCUYO
UNIVERSIDAD
NACIONAL DE CUYO

